

## Institucionalização do idoso: percepção do ser numa óptica existencial

*Institutionalization of the elderly: perception of the being through an existentialist look*

Célia Pereira Caldas  
Cacilda do Nascimento Silva Pamplona

**RESUMO:** Trata-se de uma reflexão humano-filosófica que tem como pilar estrutural o despertar para uma cultura da alteridade, do estar frente a frente com o “outro”, no presente caso o idoso, respondendo a seu apelo por justiça, estampado em seu rosto e discurso. Conclui-se que compreender o verdadeiro sentido da existência contribuirá para sensibilizar a todos de que somos responsáveis por todos e eu, mais do que ninguém, pois o eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que os outros.

**Palavras-chave:** Institucionalização; Idoso; Teoria da Alteridade.

**ABSTRACT:** *The present work brings about a human-philosophical reflexion which has as its core the awakening to a culture of “Alteridade”, of being face to face with the “other”, the elderly answering to their claim for justice, plain on their face, on their speech. We get to the conclusion that understanding the true meaning of existence will contribute to making everybody aware of the fact that we are responsible for everybody and I, more than anybody else, since the “I” always has one more responsibility than the others.*

**Keywords:** *Institutionalization; Elderly; “Teoria da Alteridade”.*

## Introdução

*“O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores. E vice-versa: segundo a maneira pela qual se comporta para com seus velhos, a sociedade desvenda, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins.”*  
(Simone de Beauvoir, 1970, p. 97)

Ao longo da história de muitas sociedades ocidentais, o surgimento e o desenvolvimento de espaços institucionais, especialmente asilos e manicômios, transformaram em prática efetiva a institucionalização de todos aqueles indivíduos que, por motivos de saúde, econômicos, legais e mesmo políticos, eram considerados indignos de conviver em sociedade, ou eram vistos como objetos de compaixão.

Erwing Goffman (1987) é uma referência essencial quando se trata de discutir o tema asilo, que classifica como instituição total. Para o autor, o asilo é um “local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada”. Nesse espaço, os indivíduos se tornam cidadãos violados em sua individualidade, sem controle da própria vida, sem direitos a seus pertences sociais e à privacidade, com relação difícil ou inexistente com funcionários e o mundo exterior.

Este estudo, situado no campo da Gerontologia e da Filosofia, baseia-se no pensamento de Emmanuel Levinas (2008; 2010), a fim de refletir sobre questões existenciais de idosos institucionalizados, buscando despertar o respeito pelas singularidades, e a abertura para a alteridade. Tem como propósito contribuir para a construção dos pilares de uma ética voltada para o outro, como dimensão primeira do sujeito.

Partindo da hipótese de que a institucionalização do idoso gera um estranhamento que leva a sentimentos de tristeza, solidão, exclusão, insegurança abandono, o presente estudo teve o objetivo geral de propor uma reflexão no campo da ética, tendo como foco o cultivo de uma “cultura da alteridade”, na qual a responsabilidade pelo outro seja um componente ético de nosso cotidiano. De modo específico, pretendeu-se levantar na literatura científica publicações que abordassem o tema da cultura da alteridade no referencial filosófico de Emmanuel Levinas (2008, 2010).

## **Percepção do idoso diante de sua vida institucionalizada**

Um acortinado perpassa o ente existente e o ser idoso. A subjetividade humana é complexa e misteriosa. O idoso observa em torno de si mesmo, o ambiente, os salões repletos de sofás, de outros idosos. A insegurança em adotar a instituição como uma nova morada lhe causa ansiedade, pois tudo lhe é estranho. Todo o seu ser pulsa na história viva que traz consigo, e que não quer deixar para trás (Pamplona, 2011).

História viva, carregada de conteúdo subjetivo, é um ser que se apresenta como vida de interioridade, de memória, de história, de existir na sua existência. O momento que lhe é apresentado diante de sua institucionalização, o seu ente por ora fragmentado, pois lhe fora arrancado o seu mundo que até então lhe pertencia (Pamplona, 2011).

Para Levinas (1970, p. 22), “Ser eu é, para além de toda a individualização que se pode ter de um sistema de referências, possuir a identidade como conteúdo. O eu não é um ser que se mantém sempre o mesmo, mas o ser cujo existir consiste em identificar-se, em reencontrar a sua identidade através de tudo o que lhe acontece. É a identidade por excelência, a obra original da identificação”.

Sentimentos de medo, de insegurança, de solidão frente a uma realidade diferente e estranha, nesse momento tão frágil da vida. Pessoas estranhas lhe são apresentadas, como maneira de aproximação àquele mundo desconhecido. Salões grandes e frios, uma televisão que parece falar sozinha, corredores que não têm fim, sons estonteantes perdidos no ar... enfim... será este o meu fim? Inúmeros questionamentos silenciosos lhe vêm à tona. Permanecem assustados, acuados por um tempo, até que se estabeleça algum fio de relação... Somos seres humanos, estabelecemos relações todo o tempo, até por questão de sobrevivência (Pamplona, 2011).

Para Neves (2000, p.113), o homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta uma dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. A História, como processo, é compartilhamento de experiências, mesmo que inúmeras vezes sob a forma de conflitos. A memória, por sua vez, como um dos fatores presentes no resgate da história compartilhada, é esteio da identidade.

Ao chegar ao asilo, a pessoa idosa perde sua identificação no momento em que se sente isolada e privada das relações sociais que lhe eram permitidas antes da

institucionalização. Ele chega à instituição com uma concepção de si mesmo que se tornou possível através de vivências sociais estáveis no seu meio doméstico. Ao entrar na instituição é rapidamente destituído do apoio oportunizado por tais vivências (Goffman, 1992).

O idoso constrói cotidianamente sua subjetividade por meio de interações vivenciadas no meio. Ao ser institucionalizado, sua identidade histórica, muitas vezes, choca-se na identificação com o coletivo, surge um enfrentamento no seu mais íntimo ser em se ver projetado no outro. Isso o assusta, e, muitas vezes, por mecanismo de defesa, ele cria um alheamento em torno de si, em relação ao meio e aos outros idosos (Pamplona, 2011).

Levinas sugere que esta "rejeição a" e este "retroceder diante da" existência, que esta inércia, parecem querer insinuar que o evento da rejeição, na ordem da realidade existencial de um existente, sugere a possibilidade da teorização de um alheamento da existência e de um escape do ser.

Essa não identificação o leva a um sentimento de não pertença ao lar, pois lhe foram arrancados seus direitos como pessoa humana, direitos de morar em sua própria casa, de rever seus pertences com os quais constituíram sua história e toda sua vida. Ainda que o idoso não conviva com sua família, ele sempre a trará junto de si, pois a família é o primeiro referencial de socialização, e, quando a aproximação é conflituosa, ou, quando se sente apartado da família, o idoso sente física e afetivamente instável (Pamplona, 2011).

Salgado (1980) é de opinião de que a institucionalização não propicia integridade aos internos, reprovando-a como modalidade de atenção aos idosos. O asilamento em instituições desconhece as propostas formuladas por todas as disciplinas científicas para o tratamento dos problemas humanos: mantém a errônea concepção da divisão do tempo de vida em segmentos, diferenciados por um avanço da idade cronológica; ignora a natureza biopsicológica contínua, que prevalece no ciclo de vida de todos os homens.

A segregação característica do asilamento, mesmo cercada da excelência de cuidados e serviços, não compensa a falta de vida exterior. A vida institucional não é característica de nossa cultura, pois violenta todas as conquistas do processo de vida e traumatiza a existência (Salgado, 1980, p.108).

Salgado conclui que o modelo asilar difundido há muito tempo não atende à questão social da população idosa dependente e muito menos da independente. Assim, sugere que se redimensione um programa que privilegie a manutenção da população idosa em seu próprio domicílio, ponderando-se evidentemente, as suas condições biopsíquicas.

A esse respeito, Moragas, 1987, p.137 assim se posiciona: A experiência demonstrou

que nenhuma organização pode proporcionar melhor qualidade de vida ao doente do que um membro adequado da família. Considerando-se as tendências demográficas do crescimento quantitativo da população idosa e da incapacidade econômica e social das organizações públicas para resolverem os crescentes problemas gerontológicos, parece lógico aumentar a ajuda familiar. Tanto econômica como socialmente, é mais efetivo para os cidadãos e para o Estado aumentar a ajuda familiar, do que estabelecer unidades assistenciais burocráticas.

Para Herédia *et al.* (2004), o processo de internação numa instituição de longa permanência pode representar muito mais do que simplesmente mudança de um ambiente físico. Ele se apresenta para o idoso como a necessidade de se estabelecerem relações com seu novo ambiente, ajustar-se ao novo lar mais do que o lar a ele, bem como pode desencadear sensações de abandono, ansiedade e medo, pela possibilidade de passar os últimos dias da vida num lugar estranho, em meio a desconhecidos.

A transição geralmente representa um impacto para o idoso, pela perda de referências e do sentimento de pertença, trazendo repercussões no estado emocional, nas relações e na saúde de quem vive asilado. A partir do asilamento nas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), a possibilidade de o idoso administrar seu tempo, seu espaço, suas decisões e relações se apresentam, em geral, perdidas, e o seu querer se torna o querer da instituição, fazendo com que submeta sua vontade à vontade e às decisões administrativas da mesma (Perlini, 2007).

Jordão Netto (1988, p. 19) compreende que o processo de institucionalização é um rompimento doloroso, e que não é comum o interno ter uma permanência provisória no asilo. Trata-se em maior ou menor grau, de uma ruptura, de um desligamento, que dificilmente se faz sem traumas ou sem profundos sentimentos de culpa. Todos tentam negar ou dissimular, mas no fundo todos sabem que se trata de um adeus, de uma viagem sem retorno, pois são raros os casos de internação temporária.

Herédia, Cortelletti e Casara (2005) afirmaram que o abandono na velhice é um sentimento de tristeza e solidão, provocadas por circunstâncias relativas a perdas, as quais se refletem basicamente em deficiências funcionais do organismo e na fragilidade das relações afetivas e sociais que, por sua vez, conduzem a um distanciamento, podendo culminar no isolamento social.

Com relação ao processo de adaptação ao asilo, Goffman (1987) menciona que os idosos podem usar diferentes táticas de adaptação (afastamento, intransigência, colonização, conversão) em diversas fases e podem, inclusive, usar várias ao mesmo tempo.

Aparentemente, as instituições totais não substituem algo já formado pela sua cultura específica; estamos diante de algo mais limitado do que aculturação ou assimilação. Se ocorre mudança cultural, talvez se refira ao afastamento de algumas oportunidades de comportamento e ao fracasso de acompanhar mudanças sociais referentes ao mundo externo. Por isso, se a estada do idoso é muito longa, pode ocorrer, caso ele volte para o mundo exterior, o que já foi denominado “desenculturamento” – isto é, “destreinamento” – que o torna temporariamente incapaz de enfrentar alguns aspectos de sua vida diária (Goffman, 1974).

Mesmo que alguns dos papéis possam ser assumidos novamente, se e quando retornar para o mundo externo, há perdas irrecuperáveis e dolorosas (Goffman, 1987).

Goffman, (1992) chama tal situação de “morte civil”, ou seja, uma pessoa está viva, mas com perda de seu direito à cidadania. Essa perda, que não é apenas civil, a enfraquece, fazendo-a perceber que foi excluída dos laços que a vinculavam à família, ao trabalho, aos amigos, à cultura, e por meio dos quais estabelecia a sua relação de estar no mundo, com o mundo e pelo mundo.

Outro aspecto agressor ao eu, citado por Goffman, reside no fato de o interno não ter mais controle sobre seus objetos de uso pessoal, como cosméticos e roupas, bem como um local que julgue adequado para guardar o essencial para si, um estojo de identidade, a fim de que sejam preservados a sua aparência pessoal e o seu estilo.

Segundo Goffman (1987), o contexto asilar impede a pessoa de ter o controle de sua vida, prevalecendo a necessidade de uma adaptação às normas de uma ordem administrativa que inclui disciplina em horários para deitar, levantar e comer, uso de uniforme padronizado, e aceitação de quarto dividido com pessoas estranhas. Deverão se conformar em perder acesso a objetos pessoais, uma vez que a instituição não tem estrutura para acolhê-los, devendo todos se adaptar à uniformização dos alojamentos.

Algumas comodidades materiais são provavelmente perdidas pela pessoa ao entrar numa instituição total – por exemplo – uma cama macia ou o silêncio à noite. Essas perdas tendem a refletir também uma perda de escolha pessoal.

Para Goffman (1974), toda a instituição total pode ser vista como uma espécie de mar morto, em que aparecem pequenas ilhas de atividades vivas e atraentes, atividades essas que podem ajudar o indivíduo a suportar a tensão psicológica usualmente criada pelos ataques ao eu.

Segundo Born (1996), muitos idosos encaram o processo de institucionalização como

perda de liberdade, abandono pelos filhos, aproximação da morte, além da ansiedade quanto à condução do tratamento pelos funcionários.

Born e Boechat (2002) acreditam ser possível que grande parte desses idosos interpretem a institucionalização como uma situação de falência: do ser humano e da sociedade.

Beauvoir (1990) é pessimista quanto à vida em asilo. Na sua compreensão, na maior parte dos países, o asilo é absolutamente desumano – nada mais do que um lugar para se aguardar a morte.

Philibert (como citado em Duarte, 1998), por sua vez, afirmava que a morte como realidade concreta, nem sempre é temida pelos idosos, que podem encará-la como a libertação de uma vida destituída de significado e amor humano.

### **Teoria da Alteridade: percepção do ser numa óptica existencial**

O estudo do material filosófico proporcionou uma reflexão de nossa existência vista como responsabilidade e compromisso mútuo. Trata-se, conforme o pensamento do filósofo Emmanuel Levinas (2008, 2010), do campo relacional humano da ética no cotidiano.

O ponto de partida das reflexões de Levinas tem um duplo vetor. Aponta para o fato de que “somos no mundo” e de que não há outra possibilidade além desta. Mas também aponta para o fato de que a “verdadeira vida está ausente” do mundo “onde somos”. A humanidade no ser histórico e objetivo, a própria abertura do subjetivo, do psiquismo humano, na sua original vigilância ou acalmia, é o ser que se desfaz da sua condição de ser: o des-inter-esse (Levinas, 1970, p. 83). Ainda segundo esse teórico, a totalidade (inter-esse, ou seja, ser entre, ser reduzido a conhecimento) dirige as pessoas, lhe infunde um sentido e um significado, as faz agir e desempenhar papéis que não necessariamente são os seus. Traça-lhe um destino, um porvir, um sentido e um significado últimos que coincidem, em seu último horizonte, com a epopeia do ser.

Nesse sentido, Goffman (1987) é uma referência essencial quando classifica o tema asilo, como instituição total. Para o autor é um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada.

Esse estado de institucionalizado representa uma totalização do ente enquanto ser

humano, pois não lhe é mostrada a sua própria face, o rosto, conforme Levinas (1970). Correndo o risco de destruição da identidade do mesmo, da própria pessoa, no caso, o idoso institucionalizado.

Para Levinas, a totalidade não esgota a realidade, a inteireza da pessoa, mas acaba reduzindo-a ao ser, à forma de um ontologismo. Ao universalizar, negamos a singularidade de cada sujeito e aniquilamos a dimensão de alteridade, fazemos dele uma totalidade. Essa singularidade relaciona-se com a dimensão de interioridade inexaurível a cada ser que se constitui como humano. O ser consciente de sua interioridade não se deixa representar pela totalidade. A interioridade, dimensão do ser, é a própria possibilidade de um nascimento e de uma morte [...]. Este psiquismo é um acontecimento no ser que resiste à totalização, isto é, não aceita ser representado por uma ideia que lhe impõe um “encolhimento” em seu ser e na compreensão de sua subjetividade.

Lucena (1996) afirma que a mudança física pode representar angústia, medo, insegurança e sensação de perda, principalmente quando essa mobilidade que não é só de lugar, mas também do ser, é contrária ao desejo do próprio indivíduo.

Beauvoir (1990) constata que, independentemente de ir para um asilo, a própria mudança de lugar, seja ele de que tipo for, afeta profundamente a vida do velho, culminando muitas vezes na sua morte.

Levinas (1970) afirma que a interioridade é a própria possibilidade de um nascimento e de uma morte que, de modo nenhum, vão buscar o seu significado na história [...]; a descontinuidade da vida interior interrompe o tempo histórico.

Esse nascer e morrer são uma constante em nosso existir, uma vez que nos constituímos seres existentes, respondendo ao compromisso ético frente a frente ao outro que interpela a nossa liberdade. Para Levinas (1970), eu sou eu somente sendo livre e só sou livre respeitando a liberdade do outro, inclinando-me a ela, não tentando englobá-lo numa totalidade, que me daria a sensação de eu saber quem é o outro, de reduzi-lo ao “ser” que eu domino, ao mesmo, ou seja, uma reprodução de mim mesmo, do que eu penso sobre ele. O outro é sempre maior do que aquilo que eu penso sobre ele, ou do que eu conheço dele.

Por isso, para Levinas (1970), a relação ética não se reduz à totalidade, ao que posso ter em minhas mãos, mas, ultrapassa essa própria relação, tendo uma dimensão de infinito.

A dimensão primeira do sujeito é sua abertura para a alteridade. Pela abertura constitui-se o sujeito, sempre em relação ao outro. Ele entende que o ser para se constituir necessita estar frente a frente com o outro. A abertura para a alteridade é condição de

possibilidade do ser do sujeito; sem ela nós não seríamos humanos. A alteridade, enquanto relação primeira é constitutiva da subjetividade. Assim, pode ser entendido o pensamento de Levinas.

Pode-se afirmar que Levinas (1970) vai além do pensamento filosófico de Heidegger que fundamenta o “ser com” permanecer no ser e não deixar de ser. Levinas propõe “a saída do ser ou o sair do ser”. O sair do ser é criar um intervalo no ser, sem negá-lo, Criar tal intervalo no ser é pôr a descoberto que a ordem primeira é ética e anterior ao ontológico;, que a ordem primeira é a relação, não o ser.

A saída de si está na responsabilidade pelo “outro”; está em ocupar-se com o ‘outro’; está em pensar no “outro”, em sua vida e em sua morte, antes de preocupar-se consigo mesmo. A responsabilidade pelo outro é o bem, conteúdo ético por excelência, e o filosoficamente primeiro, anterior a toda anterioridade.

Essa relação intersubjetiva é uma relação não simétrica. Nesse sentido, sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida. A recíproca é assunto dele. Precisamente na medida em que, entre outrem e a mim, a relação não é recíproca é que eu sou sujeição a outrem; e sou “sujeito” essencialmente neste sentido (Levinas, 1970, p. 82).

Born (1996, 2000) faz um comentário sobre a relação do velho e a família: em situações de conflito geralmente o primeiro é visto como vítima, sem se levar em conta o contexto e o relacionamento anterior. Assim, é fundamental dimensionar como foram vividas as fases anteriores. Toda uma história de vida está em jogo e a situação de dependência pode não apagar os ressentimentos e mágoas.

Contextualizando o parágrafo acima, percebemos que as relações interpessoais são estabelecidas e mantidas conforme a existência no sentido ontológico do ser, e, contrariamente ao pensamento filosófico de Levinas, que chama à responsabilidade ética de respondermos aos apelos do outro na interpelação frente a frente. O idoso não é só a “vítima” atual; tem uma vida inteira, carrega uma história e tem direito a aspirações de vida, sonhos, desejos, vontade...

A primeira questão da ética de Levinas é saber que desejo é esse que me faz ir ao encontro do outro. A relação com o outro é desejo. O desejo metafísico caracteriza-se como o desejo de algo que, de tão transbordante, me escapa; daquilo que, por me constituir, por me inaugurar como eu e me convocar à presença, por ser absoluto, não posso de modo algum possuir. Ou seja, desejo que é apenas sentido.

“O desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. É como a bondade – o Desejado não o cumula, antes lhe abre o apetite.” (Levinas, 1970, p. 20). E o teórico continua:

O desejo é desejo do absolutamente Outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o Outro para além das satisfações, mas sem ser possível realizar com o corpo algum gesto para diminuir tal aspiração, sem ser possível esboçar alguma carícia conhecida, ou inventar alguma nova carícia. O desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa, para o absolutamente outro. Desejo sem satisfação que, precisamente, entende o afastamento, a alteridade e a exterioridade do Outro. Para o Desejo, esta alteridade, inadequada à ideia, tem um sentido.

Para Levinas (1970), não se pode falar de “fenomenologia” do rosto, já que a fenomenologia descreve o que aparece. Falar de um olhar voltado para o rosto subentende-se conhecimento, percepção. O acesso ao rosto é num primeiro momento ético.

Essa aproximação frente a frente com o outro se dá pelo rosto do outro. Rosto sem face, mas como expressão de alteridade, de singularidades. Rosto que se manifesta pela epifania, uma ideia de Infinito que transcende o real. E só a ideia do infinito mantém a exterioridade do Outro em relação ao Mesmo, não obstante tal relação (Levinas, p. 190).

O outro não é uma ideia abstrata que eu tenha de alguém, é um rosto, é uma pessoa concreta à minha frente, não posso reduzi-lo ao mesmo. O mesmo, para Levinas, sou eu, o eu mesmo, a quem o outro sempre ultrapassa e desafia.

Outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu rosto, onde se dá a sua epifania e que apela para mim, rompe com o mundo que nos pode ser comum e cujas virtualidades se inscrevem na nossa natureza e que desenvolvemos também na nossa existência (Levinas, p.188).

O absolutamente outro é outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo “tu” ou “nós” não é um plural de “eu”. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum. Nem a posse, nem a unidade do número, nem a unidade do conceito me ligam a outrem (...).

As perdas vividas pelo idoso se refletem no momento em que é admitido na instituição, ao deixar para trás os papéis desempenhados, por não ter perspectivas de

reassumi-los e por perceber que o seu eu não mais o personaliza, tornando-o mais um entre os membros de um grupo coletivo. Deixa de ser reconhecido como sempre foi, para ser mais um “vovô da casa X”. O idoso perde a sua identidade, entendida como “um processo de construção histórico-social, aquilo que um indivíduo reconhece como sendo ele mesmo, significa-se e ressignifica-se na trajetória de vida, a partir da sua inserção em conjunto de relações sociais”. (Carlos *et al.*, 1999).

O outro reduzido a conceito, a número, perde a capacidade de mostrar-se na sua singularidade do rosto próprio, de exteriorizar a essência de seu ser.

Na medida em que o ente do ser humano toma para si a consciência de que, em cada ser, há uma dimensão infinita do próprio ser que transcende a história na totalidade, ele se personaliza e se compromete com o ser. A existência suscita-o à sua plena responsabilidade e a ela o convoca.

## **Discussão**

Para Levinas (1970), “o saber só se torna saber de um fato se, ao mesmo tempo, for crítico, se se puser em questão, se remontar para além da sua origem”. E essa busca pelo saber é um contínuo exercício no desvelamento dos fatos que se escondem por detrás dos acortinados na essência dos fenômenos, pois se mostram para além da metafísica, na identificação da real exterioridade, que é a alteridade do outro.

Sendo assim, quando o ser humano aguarda outro ser dentro de seu ventre estabelece uma relação que transcende o real. É uma relação intrínseca ao ser humano. O momento que se espera esse outro ser que está sendo gerado é infinitamente misterioso e transcendental.

Essa relação primeira com o outro é anterior ao conhecimento desse ser, estabelece-se um elo de mais profundo mistério de relação de alteridade, de respeito, de incondicional amor... Para Levinas, o ser humano por si só não se constitui, ele precisa estabelecer relação com o outro.

O entendimento é que esse “outro” é o acolhido como “outro”, o que permanece aninhado no ventre: não o vejo, não sei sua forma, seu pensar, seu mistério, o que sei é o sentir da fruição, a felicidade de ser responsável por sua existência... Estabelece-se uma relação concreta com o “outro”, o ser pulsa junto aos seus movimentos, batimentos, o “outro” existe, o amor perpassa toda a existência... essa relação é profunda e misteriosa, pois envolve

a graça humana...

Uma vez constituído o ser humano existente, estabelecer-se-á a relação ética do frente a frente, olhos nos olhos, onde se cria o vínculo da cumplicidade com o outro: necessidades, alegrias, tristezas e dores... é a interpelação do apelo que aparece na face do outro. Os seres humanos estabelecem suas primeiras relações com aqueles nos quais fincaram suas primeiras raízes... Relações que nos constituem seres humanos abertos para a bondade e as virtudes necessárias ao contínuo nascer e morrer de nossas vidas...

Esse contínuo movimento de existir arremessa-nos às múltiplas fases da existência. O ser humano, quando criança, realiza incessantemente esse movimento de busca, de “desejo”, de cuidados e desvelamentos de seus sonhos, deixando-se iluminar pela alteridade do outro; é assim que se constitui o seu eu. Na fase da adolescência, ele vê o “outro” como o “mesmo”, e busca “escapar “do domínio do outro sobre sua vida. Na fase jovem, ele se vê despontando para o mundo, descobrindo-se e redescobrimdo-se, reconhecendo a diferença (alteridade) do outro, e vai definindo seus rumos. A fase adulta é a fase da plenitude do compromisso ético que se estabelece concretamente com o outro: é o compromisso de concretizar relações a longo prazo, alicerçadas pela liberdade e fidelidade.

Em todas as fases de nossa existência, somos seres constituídos de uma grandeza interior infinita, de uma “infinição”, conteúdos imensuráveis do existir de cada ser na sua essência de ser, seu eu, seu infinito, que comporta toda a sua visão de si e do mundo, e sua relação com o outro.

Por isso, Goffman (1987) afirma que o ser idoso, ao ser institucionalizado, sente-se mortificado no seu “eu”, sem vida; isso significa que ele existe no sentido ontológico do ser. É a existência como experiência nua do ser. O idoso se vê dentro de um existir e não verdadeiramente como um ser existente na sua existência. Esse sentimento de não sentir-se íntegro em sua subjetividade o faz distanciar-se do mundo. E o faz desejar não mais pertencer ao mundo real, desprender-se de sua existência, de seu ser.

Esse sentimento é manifesto por Levinas (1970), quando diz que o ser cria um alheamento da existência e um escape do ser, no eterno nascer e morrer de nossa existência.

Em uma instituição, os idosos parecem se assemelhar com peças multiplicadas, de tão gélidos os seus semblantes, enfileirados como se fossem os “mesmos”, abrangidos por uma totalidade que os sufoca, que os tira de seu próprio eu. A percepção sensível do fato, desse fato por quem olha de fora, está aquém da objetividade, ou seja, não alcança a percepção que o idoso tem de si mesmo e de sua situação, do sofrimento que vivencia interiormente. Na

realidade, gélido é o olhar sobre o idoso, um olhar que não percebe quanto ferve por dentro de cada idoso.

Goffman (1992) afirma que o ser institucionalizado sente um contínuo enfrentamento na não identificação de sua identidade – no contexto da totalidade, acrescentaria Levinas (1970). Fica difícil sua identificação a partir de fora; cada um aparece como o “mesmo” e não como o outro que necessita ser reconhecido em seu infinito, e não dentro da totalidade que o massifica.

A percepção de que o idoso não interage na dinâmica com os outros idosos, de que não se integra a esse meio, preferindo optar por situações de “fuga”, ou até mesmo passando a viver nas entranhas de seu próprio ser, é a visão de quem está de fora, usando olhos de totalidade, conforme Levinas (1970). A percepção do idoso é de que está no ambiente rodeado de “muita gente estranha”, das quais ele tem que se distanciar. Essa percepção o afasta dos outros e do meio, levando-o a um sentimento que o faz pensar que seu ser existente não deveria estar ali. Esse momento de insatisfação com o seu mais íntimo ser reflete sua desilusão e nos reporta a Levinas, dizendo que eu sou responsável pelo outro, pela sua alegria, sua tristeza: é a relação não simétrica, a relação intersubjetiva.

A pesquisa evidenciou que a institucionalização do idoso gera um estranhamento que leva a sentimentos de tristeza, solidão, exclusão, insegurança e abandono. Todos esses sentimentos agrupados anulam a vida interior do ser institucionalizado, levando-o a um estado em que não tem condições de ir ao encontro do outro, de manifestar o desejo de “sair de si” para servir de hospitalidade aos apelos e interpelação no rosto do outro.

Diante de sua vida interior mortificada, o seu infinito não transparecerá na exterioridade, que é a sua alteridade. Isso quer dizer que a totalidade o englobaria como o “mesmo”, não respeitando as formas objetivas e subjetivas constituintes de seu ser.

“O ser é exterioridade: o próprio exercício do seu ser consiste na exterioridade, e nenhum pensamento poderia obedecer melhor ao ser deixando-se dominar pela exterioridade” (Levinas, 1970, p. 286). Ainda segundo ele:

A verdadeira essência do homem apresenta-se no seu rosto, em que ele é infinitamente diferente de uma violência semelhante à minha, oposta à minha e hostil e já em luta com a minha num mundo histórico em que participamos no mesmo sistema. Ele detém e paralisa a minha violência pelo seu apelo que não faz violência e que não vem de cima. A verdade do ser não é a imagem do ser, a ideia da sua natureza, mas o ser situado num campo

subjetivo que deforma a visão, mas permite precisamente assim à exterioridade exprimir-se, toda ela mandamento e autoridade: toda ela superioridade (p. 287).

Diante da interpelação do apelo do idoso institucionalizado, expresso em seu rosto e no seu discurso, que é sua verdade absoluta em sentir “mortificado o seu eu”, em sentir-se um estranho no ninho, com o desejo de romper o seu tempo histórico, em sentir-se frustrado como existente, ao perceber mais um “ter de acordar e levantar” a cada amanhecer, e, mesmo assim, ter de ser capaz de mais um enfrentamento em sua vida, diante dessa interpelação tenho de me dispor a ouvir o outro, o idoso, esse idoso institucionalizado.

O ser frente a frente aos apelos do outro, na presença de um rosto, me interpela na minha responsabilidade de responder aos seus apelos, não posso permanecer alheio aos seus rumores, imune aos seus clamores por justiça. O idoso institucionalizado ao abordar-me, põe em questão a minha liberdade, minha espontaneidade de existir. O sentido da minha existência interior não consiste em receber o reconhecimento do outro, mas em oferecer-lhe o meu ser, em resposta ao seu apelo ético, como expressão de bondade.

Salgado (1980) afirma que “a vida em instituição não é característica de nossa cultura, pois violenta todas as conquistas do processo de vida e traumatiza a existência”. Diante dessa existência institucionalizada, aquele que cuida do idoso deveria conhecer e compreender a alteridade do idoso, ou seja, do “outro”, para poder redesenhar essa relação no sentido de ir além do que vê no rosto do idoso e compreender a epifania desse rosto, expressa na sua singularidade e infinitude. Assim, cada ser, que é o idoso, ou o “outro”, sentir-se-ia mais acolhido e cuidado como pessoa humana em toda sua particularidade e integridade absoluta.

Portanto, o grande desafio que Levinas (1970) nos convida a exercitar em nosso cotidiano é o cultivo da afetividade e alegria em nossos corações, para que “eu” possa transbordar de felicidade, e sentir o desejo de aproximar-me do “outro”, fazendo-lhe justiça, ou seja, percebendo-o como o “outro”, sentindo suas necessidades e respondendo ao apelo estampado em seu rosto. A alteridade humana é como o limiar ético de nossas ações. É estando disponível ao outro, pondo-me a serviço dele, que me encontro como “eu”. Estamos, portanto, na contramão dos valores hegemônicos de nossa sociedade, que cultiva o eu como o centro, senão como o absoluto, dispensando o “outro”, descartando-o. Assim, não está fora de propósito o sentimento de abandono que sofre o idoso institucionalizado.

## Conclusão

Diante da dimensão ontológica do ser, o processo de envelhecimento tem suas dimensões biopsicossociais inerentes a cada idoso em sua individualidade e particularidade. Diante disso, não se pode uniformizar questionamentos relativos à experiência e trajetória de vida de cada idoso. Cada idoso traz consigo uma bagagem contendo valores, crenças, ideias, realizações, sonhos, perspectivas de vida. Cada idoso, portanto, terá uma dimensão sua, diferenciada ou não, de experimentar outro convívio coletivo.

Num outro sentido, conforme dimensão existencial levinasiana, o idoso é considerado como o “mesmo” dentro da totalidade de uma instituição de longa permanência, sentindo “mortificado o seu eu”, não conseguindo deixar transparecer sua “ipseidade”, nem fazer o movimento de sair de si para ir ao encontro do outro, de transcender sua subjetividade diante do “outro”, pois a totalidade o anula e o engloba, por não estar disposta a abarcar o seu infinito.

A hipótese de que a institucionalização do idoso gera um estranhamento que leva a sentimentos de tristeza, solidão, insegurança, angústia, ao perceber que a família o deixou nesse momento de fragilidade humana, foi confirmada pela pesquisa bibliográfica deste estudo.

O idoso institucionalizado se remete o tempo todo às lembranças de sua família, de seus entes queridos, de seu lar, da perda dos entes mais próximos, de toda sua história, e sente-se entristecido quando percebe que apenas lhe restam um canto de um quarto, uma cama, um criado-mudo, onde repousam as lembranças expostas pelas fotografias e com as quais ele mantém acesa a chama do coração.

Alguns idosos institucionalizados veem-se imersos em sentimentos de solidão, tristeza, saudades de casa e de sua família; alguns já conformados com sua permanência na instituição, uma vez que não há perspectivas de retorno às suas casas. Sentimentos de desolação, de resignação, inundam seu ser.

Apesar de diferentes histórias de vida e contextos variados, os olhares dos idosos parecem se assemelhar em sua expressão, subjetivamente. Olhares perdidos... esperando algo que nunca lhe chega: a liberdade e o aconchego da família, o retorno ao lar que lhe pertenceu. Olhares distantes, quase inatingíveis pela imensidão de suas histórias, as quais permanecem emudecidas dentro de seus corações, olhares inertes... Sorrisos momentâneos como o vento que sopra uma alegria e traz tudo de novo... A inércia, a conversa monossilábica, o silêncio

mudo, as palavras que insistem em não sair, que permanecem presas dentro de cada um... Anseios e lembranças, tudo fica como um segredo... A dor que não fala, a dor muda, a dor do coração...

Em nossa cultura de valores de convivência, os pais criam seus filhos e estes cuidam de seus velhos, quando chegam à velhice. É o processo natural da reciprocidade nas relações de convivência.

Cultivar essas relações é um grande desafio hoje, diante de uma sociedade que cultua o individualismo, uma sociedade do anonimato, onde há uma perda da fundamentação dos valores éticos e morais na construção de uma relação com o outro, reduzindo-o ao mesmo, e não reconhecendo o outro como “outro”.

Após leituras bibliográficas referentes aos temas da institucionalização e do pensamento filosófico de Levinas (1970), o presente trabalho proporcionou uma reflexão no campo da ética, tendo em vista nossa existência como responsabilidade e compromisso mútuo.

Trata-se, portanto do campo relacional humano, da ética no cotidiano, tendo como foco o cultivo de uma cultura da alteridade, conforme o pensamento do filósofo Emmanuel Levinas.

Que não sejamos expectadores dentro das realidades postas pela sociedade de consumo, de competição, de produtividade, do liberalismo que vê somente o si mesmo, da exacerbada inumanidade do homem, julgando que tudo é assim mesmo... que não há outro jeito... É a naturalização dos jeitos determinados.

A abordagem do tema da alteridade junto ao idoso visa a despertar a sensibilização, do olhar frente a frente com o “outro”, em resposta aos seus apelos por justiça, na construção permanente e recíproca de valores éticos por uma convivência harmoniosa, digna e de respeito àqueles que constituíram suas famílias, elos de sua própria existência.

Compreender o verdadeiro sentido da existência contribuirá para sensibilizar a todos aqueles que cuidam de seus idosos, ressaltando a importância de se conhecer a dimensão primeira do sujeito, a alteridade de cada um, para assim podermos compreendê-los em suas singularidades, analisando sua realidade histórica, relacional, afetiva e cultural, no sentido de ir da teoria à prática efetiva, visando um atendimento humanizado de acolhida e cuidado.

Ademais, esta compreensão possibilitará o entendimento de que somos responsáveis por todos, e eu, mais do que ninguém, pois o eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que os outros, conforme afirma Levinas.

Essa mesma compreensão da existência possibilitará que eu possa ver além da transcendência de um rosto estampado no idoso, compreender o real sentido que o idoso vive sua subjetividade naquele momento, a sua exterioridade, que por ora poderá estar por detrás das obscuras entranhas do ser constituído humano.

Assim, compreender o sentido da existência nos aproxima do entendimento de que o idoso é uma pessoa humana com sua alteridade singular, assim como o “eu”, o “tu”, o “outro”, que são seres humanos, cada qual com sua alteridade e seu infinito, e que compreendê-lo como o “outro”, e não como o “mesmo”, anularia a possibilidade de violentá-lo na sua essência de ser. A violência mascarada deixaria de existir, de oprimir sua existência.

Por outro lado, quando o rosto do outro nos põe em relação com o terceiro (as demais pessoas), que sugere o “nós” do coletivo, clamando por justiça e dignidade em suas existências, a responsabilidade nossa de responder aos apelos do coletivo é maior e desafiadora. Pois facilmente a sociedade deformaria o eu e o outro, afundando-os na totalidade, que despersonaliza, desumaniza, massifica.

É evidente que a relação entre os dados objetivos e subjetivos, e a reflexão filosófica, que desliza nas entrelinhas, sugere futuros aprofundamentos.

## Referências

- Afonso, M.R. (s/d.). *A responsabilidade por outrem na ética de Levinas*. Recuperado em 21 fevereiro, 2013, de: <http://www.pucrs.br/ffch/filosofia/pos/cebel/ArtigoMariaAfonso.pdf>.
- Beauvoir, S. (1970). *A velhice, a realidade incômoda*. (10ª ed.). São Paulo (SP): Difusão Europeia do Livro.
- Born, T. (2009). *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. (2ª ed.). São Paulo (SP): Alínea.
- Born, T. (1996). Cuidado ao idoso em instituição. In: Papaléo Netto, M. (Org.). *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*, 403-414. São Paulo (SP): Atheneu.
- Born, T. & Boechat, N. (2002). A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: Freitas, E.V. (Mimeo).
- Caldas, C.P. (s/d.). *A dimensão existencial da pessoa idosa e seu cuidador*. Recuperado em 24 janeiro, 2013, de: [http://www.revistaunati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid...pt](http://www.revistaunati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid...pt).
- Carlos, S.A. et al. (1999). Identidade, aposentadoria e terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 1*. Porto Alegre (RS): UFRGS.
- Celofilosofo. *O ser ético no pensamento de Emmanuel Levinas*. Recuperado em 24 janeiro, 2013, de: <http://www.recantodasletras.com.br>.
- Caldas, C.P. & Pamplona, C. do N.S. (2013, setembro). Institucionalização do idoso: percepção do ser numa óptica existencial. *Revista Kairós Gerontologia, 16(5)*, pp.201-219. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

- Cortelletti, I.A. *et al.* (2010). *Idoso asilado: um estudo gerontológico*. (2ª ed.). Caxias do Sul (RS): Educs/ Edipucrs.
- Costa, M.L. (2000). *Levinas: uma introdução*. J. Thomaz Filho, Trad.. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Duarte, M.J.R.S. (1988). Autocuidado para a qualidade de vida. *In: Caldas. P. (Org.) A saúde do idoso: a arte de cuidar*, 17-34. Rio de Janeiro (RJ): Editora UERJ.
- Ferreira, L.A. (s/d.). *O rosto como expressão do humano em Levinas*. Recuperado em 24 janeiro, 2013, de: <http://www.pensamentoextemporaneo.wordpress.com/.../o-rosto-como-expressao>.
- Goffman, E. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*. (2ª ed.). São Paulo (SP): Perspectiva.
- Goffman, E. (2009). *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. (2ª ed.) São Paulo (SP): Alínea.
- Herédia, V., Cortelletti, I. & Casara, M. (2005). Abandono na velhice. *Textos Envelhecimento*, 8(3), 01-11. Recuperado em 07 janeiro, 2009, de: [http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=S1517-59282005000300002&Ing=pt&nrm=iso](http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1517-59282005000300002&Ing=pt&nrm=iso).
- Herédia, V.B.M. *et al.* (2004). Institucionalização do idoso: identidade e realidade. *In: Cortelleli, I.A., Casara, M.B. & Herédia, V.B.M. Idoso asilado: um estudo gerontológico*, 13-62. Caxias do Sul (RS): Educs/Edipucrs.
- Levinas, E. (2010). *Ética e infinito*. (1ª ed.). Lisboa (Portugal): Edições 70.
- Levinas, E. (2008/1970). *Totalidade e infinito*. (3ª ed.). Lisboa (Portugal): Edições 70.
- Lobo, R.H. (s/d.). *A justiça e o rosto do outro em Levinas*. Recuperado em 20 janeiro, 2013, de: [http://www.ifcs.ufrj.br/.../a\\_justica\\_e\\_o\\_rosto\\_do\\_outro\\_em\\_levinas.pdf](http://www.ifcs.ufrj.br/.../a_justica_e_o_rosto_do_outro_em_levinas.pdf).
- Lucena, C. (1996). Tempo e espaço nas imagens das lembranças. *In: Von Simson, O.R.M. (Org.). Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas (SP): Área de publicações CMU/UNICAMP.
- Moragas, M.R. (1997). *Gerontologia Social*. São Paulo (SP): Paulinas.
- Netto, J.A.J. (1988). *Família e idoso: Convivência e conflito*. Conferência proferida na V Jornada Paranaense de Geriatria e Gerontologia. Curitiba (PR).
- Neves, L.A. (2000). Memória, história e sujeito: Substratos da identidade. São Paulo (SP): *História oral*, 3, 113.
- Pamplona, C.N.S. (2011). *O impacto da institucionalização na percepção do idoso*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Serviço Social - Universidade Norte do Paraná.
- Perlini, N.M.O.G., Leite, M.T. & Furini A.C. (2007). Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. *Rev Esc. Enferm USP*, 41(2), 229-236.
- Pollo, S.H.L. *et al.* (2008). Instituições de longa permanência para idosos – ILPIs: desafios e alternativas no município do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 11(1). Rio de Janeiro (RJ): UNATI/UERJ.
- Ruiz, C. (s/d.). *Alteridade, dimensão primeira do sujeito*. Recuperado em 24 janeiro, 2013, de: [http://ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=33308secao=334](http://ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=33308secao=334).
- Salgado, M.A. (2009). *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. (2ª ed.). São Paulo (SP): Alínea.

Recebido em 30/08/2013

Aceito em 22/09/2013

---

**Célia Pereira Caldas** - Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas (PPGCM) e no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF). Vice-diretora do Programa Universidade Aberta da Terceira Idade, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde do Idoso, atuando principalmente nos seguintes temas: idoso, envelhecimento, enfermagem, cuidadores e saúde do idoso. Graduação em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1982), mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1993), doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), pós-doutorado em Gerontologia pela Universidade de Jönköping, Suécia (2005) e pela Universidade Federal de São Paulo (2009). Gerontóloga titulada pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). Membro do conselho do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa.

E-mail: celpcaldas@hotmail.com

**Cacilda do Nascimento Silva Pamplona** - Graduação em Serviço Social pela UNOPAR. Especialização em Geriatria e Gerontologia pela UNATI-UERJ.

E-mail: tidapamplona@hotmail.com